

“O melhor escritor de suspense da atualidade.” – KEN FOLLETT

JOHN
GRISHAM

TEMPO DE PERDOAR



TEMPO DE PERDOAR

Título original: *A Time for Mercy*

Copyright © 2020 by Belfry Holdings, Inc.

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são fruto da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

tradução: Bruno Fiuza e Roberta Clapp

preparo de originais: Melissa Lopes

revisão: Ana Grillo e Luis Américo Costa

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Jaroslaw Blaminsky | Trevillion Images

impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G888t

Grisham, John, 1955-

Tempo de perdoar / John Grisham ; [tradução Bruno Fiuza, Roberta Clapp]. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2021.

560 p. ; 23 cm.

Tradução de: A time for mercy

ISBN 978-65-5565-224-6

1. Ficção americana. I. Fiuza, Bruno. II. Clapp, Roberta. III. Título.

21-73533

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

À memória de
Sonny Mehta,
presidente, editor e publisher da Knopf

1

A casinha triste ficava na área rural, cerca de 10 quilômetros ao sul de Clanton, em uma velha estrada do condado que não levava a nenhum lugar em particular. A construção não era visível da estrada, e o acesso a ela era por um caminho de cascalho tortuoso, com desníveis e curvas, de modo que, à noite, a luz dos faróis dos carros que se aproximavam piscava na porta e nas janelas da frente, como que para alertar quem estivesse do lado de dentro. O isolamento da casa fazia aumentar a iminente sensação de terror.

Passava muito da meia-noite, na madrugada de sábado para domingo, quando os faróis por fim apareceram. Sua luz se infiltrou na casa e projetou sombras ameaçadoras nas paredes, que então sumiram quando o carro deu um mergulho antes da aproximação final. Os ocupantes da casa já deveriam estar dormindo há horas, mas era impossível dormir naquelas noites horríveis. Sentada no sofá da sala, Josie respirou fundo, fez uma prece rápida e se voltou para a janela a fim de observar o carro. Será que ele estaria errático e cambaleante ou estaria controlado? Estaria bêbado como costumava estar naquelas noites ou teria pegado leve na bebida? Ela vestia um negligê sexy para chamar a atenção dele e quem sabe alterar seu estado de espírito da violência para o romance. Ela já o havia usado antes, e ele tinha gostado.

O carro parou junto à casa e ela o observou descer. Ele cambaleou e tropeçou, e ela se preparou para o que estava por vir. Foi até a cozinha, que es-

tava com a luz acesa, e esperou. Ao lado da porta, parcialmente escondido em um dos cantos, havia um taco de beisebol de alumínio que pertencia a seu filho. Ela o havia colocado ali uma hora antes, por precaução, apenas para o caso de ele atacar as crianças. Rezara para ter coragem de usá-lo, mas continuava hesitante. Ele deu um encontrão na porta da cozinha e sacudiu a maçaneta, como se estivesse trancada; não estava. Conseguiu abri-la com um pontapé, e ela bateu com força na geladeira.

Stuart era um bêbado desleixado e violento. Sua pele pálida de irlandês estava vermelha; as bochechas, mais vermelhas ainda; e os olhos ardiam com um fogo alimentado a uísque que ela já tinha visto muitas vezes antes. Aos 34 anos, ele estava ficando grisalho e calvo, e tentava disfarçar esse fato com um penteado horroroso sobre a cabeça, que depois de uma noite virava um emaranhado de longos fios de cabelo pendendo na altura da orelha. Seu rosto não tinha cortes nem hematomas, o que poderia ser um bom sinal, ou não. Ele gostava de arrumar confusão nos bares e, após uma noite agitada, normalmente lambia as feridas e ia direto para a cama. Mas, quando não havia pancadaria, sempre chegava em casa procurando briga.

– Tá fazendo o quê acordada, porra? – rosnou ele, enquanto tentava fechar a porta.

Com a maior calma possível, Josie respondeu:

– Estava só esperando você, querido. Tudo bem?

– Eu não preciso que fique me esperando. Que horas são? Duas da manhã?

Ela deu um sorriso afável, como se estivesse tudo bem. Uma semana antes, tinha decidido ir para a cama e esperá-lo no quarto. Ele chegou tarde em casa, subiu as escadas e foi ameaçar os filhos dela.

– Quase duas – respondeu ela, baixinho. – Vamos pra cama.

– Por que está vestindo essa coisa? Parece uma vagabunda. Veio alguém aqui hoje à noite?

Uma acusação corriqueira naqueles dias.

– Claro que não – disse ela. – Estou só arrumada pra dormir.

– Você é uma piranha.

– Vamos lá, Stu. Estou com sono. Vamos pra cama.

– Quem é ele? – grunhiu ele enquanto caía de costas contra a porta.

– Quem é ele o quê? Não tem ninguém. Eu fiquei aqui a noite toda com as crianças.

– Você é uma vadia mentirosa, sabia?
– Não é mentira, Stu. Vamos pra cama. Está tarde.
– Essa noite eu ouvi falar que alguém viu a caminhonete do John Albert por aqui há uns dias.

– E quem é John Albert?
– “E quem é John Albert?”, perguntou a putinha. Você sabe muito bem quem é John Albert. – Ele se afastou da porta e começou a andar na direção dela com passos vacilantes, tentando se equilibrar na bancada. Apontou para ela e disse: – Você é uma vagabunda e seus outros namorados ficam rondando por aí. Eu já te avisei.

– Você é o meu único namorado, Stuart. Eu já te disse isso mil vezes. Por que não acredita em mim?

– Porque você é uma mentirosa e já te peguei mentindo antes. Lembra do cartão de crédito, sua vadia?

– Poxa, Stu. Isso foi ano passado, e a gente deixou esse assunto pra trás. Ele se atirou para cima dela e agarrou-lhe o pulso com a mão esquerda. Com a mão direita aberta, deu um tapa na altura do queixo dela, produzindo um estalo alto e pavoroso, carne contra carne. Ela deu um grito de dor e de choque. Tinha dito a si mesma para fazer qualquer coisa menos gritar, porque seus filhos estariam lá em cima ouvindo tudo por trás da porta trancada.

– Para com isso, Stu! – gritou, segurando o próprio rosto e tentando recuperar o fôlego. – Chega de me bater! Eu disse que iria embora e juro que vou!

Ele caiu na gargalhada.

– Ah, é mesmo? E pra onde você vai, sua vadia? Voltar pro trailer no meio do mato? Vai morar no seu carro de novo? – Ele a puxou pelo pulso, virando-a, colocou o antebraço grosso no pescoço dela e rosnou em seu ouvido: – Você não tem pra onde ir, vadia, nem mesmo pro estacionamento de trailers onde você nasceu.

Josie sentiu em sua orelha o calor da saliva e o fedor de uísque barato e cerveja atingiu suas narinas.

Ela se sacudiu tentando se soltar, mas ele levantou o braço dela pelas costas até quase a altura dos ombros, como se estivesse tentando quebrá-lo. Ela não conseguiu evitar dar outro grito, e sentiu pena dos filhos quando fez isso.

– Você vai quebrar meu braço, Stu! Para, por favor!

Ele baixou o braço dela alguns centímetros, mas a apertou com mais força.

– Pra onde você vai? – sibilou no ouvido dela. – Você tem um teto, comida na mesa, um quarto pros seus dois filhos malcriados e quer falar de ir embora? Acho que não.

Ela fez força e se contorceu, tentando se soltar, mas ele era um homem forte e transtornado.

– Você vai quebrar meu braço, Stu. Por favor, me solta!

Em vez disso, ele puxou com força de novo, e Josie gritou. Ela deu um coice com o calcanhar descalço e acertou a canela dele, depois girou e acertou suas costelas com o cotovelo. Isso não causou nenhum dano, mas o deixou confuso por um instante, permitindo que ela se soltasse, derrubando uma cadeira no chão. Mais barulho para assustar seus filhos.

Ele avançou para cima dela como um touro ensandecido, agarrou-a pelo pescoço, pressionou-a contra a parede e cravou as unhas no pescoço dela. Josie não conseguia gritar, engolir nem respirar, e o brilho de loucura que viu nos olhos dele lhe dizia que aquela seria a última briga dos dois. Aquele era o momento em que ele finalmente iria matá-la. Ela tentou chutá-lo, mas errou e, em um piscar de olhos, ele desferiu um forte gancho de direita que acertou em cheio o queixo dela, fazendo com que apagasse. Ela caiu de barriga para cima no chão, com as pernas abertas. Seu negligê estava aberto, expondo os seios. Ele ficou parado por um ou dois segundos, admirando o que havia feito.

– A vadia me bateu primeiro – murmurou.

Depois foi até a geladeira, onde achou uma lata de cerveja. Abriu-a, deu um gole, limpou a boca com as costas da mão e esperou para ver se ela ia acordar ou se continuaria desmaiada. Ela não se mexia, então ele chegou mais perto, para conferir se estava respirando.

Ele tinha brigado na rua a vida toda e conhecia a regra número um: acerte no queixo que o outro apaga de vez.

A casa estava silenciosa, mas ele sabia que as crianças estavam lá em cima, escondidas, à espera.

DREW ERA DOIS anos mais velho que a irmã, Kiera, mas a puberdade, assim como a maioria das mudanças normais em sua vida, estava demorando a chegar. Ele tinha 16 anos, era baixinho para a idade, e isso o incomodava, principalmente quando estava ao lado da irmã, que lidava com mais um estirão de crescimento. O que os dois não sabiam ainda era que tinham pais diferentes e que o desenvolvimento físico deles jamais estaria em sincronia. Genealogias à parte, naquele momento estavam tão fortemente unidos quanto dois irmãos poderiam estar, ouvindo aterrorizados enquanto a mãe era espancada mais uma vez.

A violência vinha crescendo e os abusos haviam se tornado mais frequentes. Eles imploravam a Josie para irem embora, e ela prometera, mas os três sabiam que não havia para onde ir. Ela garantiu que as coisas iriam melhorar, que Stu era um homem bom quando não bebia e estava determinada a amá-lo até que ele se curasse.

Não havia para onde ir. A última “casa” deles tinha sido um velho trailer estacionado no quintal de um parente distante, que sentia vergonha de tê-los em sua propriedade. Os três sabiam que só estavam suportando a convivência com Stu porque ele tinha uma casa de verdade, com tijolos e teto de zinco. Não estavam passando fome, embora ainda tivessem memórias dolorosas daquela época, e frequentavam a escola. Aliás, a escola era um santuário para eles, porque Stu nunca passava perto dela. Havia problemas por lá também – o lento progresso acadêmico de Drew, a escassez de amigos, as roupas velhas, as filas para conseguir uma refeição de graça –, mas pelo menos na escola eles estavam seguros, longe de Stu.

Mesmo quando estava sóbrio, o que, felizmente, representava a maior parte do tempo, ele era um idiota repulsivo que se ressentia de ter que sustentá-los. Ele nunca tivera filhos, não só porque não os queria como também porque seus dois casamentos haviam terminado pouco depois de começar. Ele era um abusador que achava que sua casa era seu castelo. As crianças eram hóspedes indesejáveis, quase como invasores, portanto deveriam fazer todo o trabalho sujo. Com abundância de mão de obra ao seu dispor, ele inventava uma lista interminável de tarefas, a maioria delas destinada a disfarçar o fato de que ele próprio era um completo preguiçoso. Ao menor sinal de descuido, xingava as crianças e fazia ameaças. Comprava comida e cerveja só para ele, e exigia que os magros contracheques de Josie cobrissem o lado “deles” da mesa.

Mas as tarefas, a comida e as ameaças não eram nada comparadas à violência.

JOSIE NÃO SE mexia e respirava com dificuldade. Ele ficou parado acima dela, olhou para os seus seios e, como sempre, desejou que fossem maiores. *Merda, até a Kiera tem mais peito.* Sorriu ao pensar nisso e decidiu ir dar uma olhada. Atravessou a sala, pequena e escura, e começou a subir a escada, fazendo o máximo de barulho possível para assustá-los. No meio do caminho, chamou com uma voz estridente, ébria, zombeteira:

– Kiera, ô Kiera...

Na escuridão, ela tremeu de medo e apertou o braço de Drew com ainda mais força. Stu continuou a subir pesadamente, seus passos ecoando nos degraus de madeira.

– Kiera, ô Kiera...

Ele abriu primeiro a porta de Drew, que estava destrancada, e a fechou com força. Girou a maçaneta da porta de Kiera e a encontrou trancada.

– Arrá! Kiera, eu sei que você tá aí. Abre essa porta.

Ele investiu contra a porta com o ombro.

Os irmãos estavam sentados juntinhos na beirada da cama estreita, olhando para a porta. Drew havia encontrado uma barra de metal enferrujada no celeiro e improvisara um ferrolho, que eles rezavam para que fosse capaz de segurar a porta. Uma ponta estava presa à porta e a outra à estrutura de metal da cama.

Quando Stu começou a sacudir a fechadura, Drew e Kiera, conforme haviam ensaiado, se apoiaram contra a barra de metal para aumentar a pressão. Eles tinham praticado pensando nessa situação e estavam quase certos de que a porta aguentaria. Também haviam planejado um ataque caso a porta abrisse. Kiera pegaria uma velha raquete de tênis e Drew usaria um pequeno frasco de spray de pimenta que guardava no bolso. Josie o havia comprado para os filhos, só por precaução. Stu poderia até bater de novo neles, mas pelo menos eles cairiam lutando.

Ele conseguiria, com facilidade, derrubar a porta com um chute. Tinha feito isso um mês antes e depois fez um escândalo quando teve que pagar 100 dólares por uma nova. A princípio, insistiu para que Josie pagasse, depois pediu dinheiro para as crianças e, por fim, parou de reclamar.

Kiera estava retesada de tanto medo e chorava baixinho, mas também estava achando aquilo estranho. Nas outras ocasiões em que ele tinha ido ao quarto dela, não havia mais ninguém em casa. Não houvera testemunhas, e ele tinha ameaçado matá-la se ela falasse alguma coisa. Stu já havia silenciado a mãe. Será que planejava fazer mal também a Drew e ameaçá-lo?

– Ô Kiera, ô Kiera – cantarolava ele em um tom boçal enquanto investia outra vez contra a porta.

Sua voz estava um pouco mais mole, como se ele fosse desistir.

Eles seguravam firme a barra de metal à espera de uma explosão, mas ele ficou em silêncio. A seguir, recuou, seus passos se desvanecendo conforme ele descia a escada. Tudo ficou em silêncio.

E nenhum som da mãe, o que significava o fim do mundo. Ela devia estar lá embaixo, morta ou inconsciente, porque do contrário ele não teria subido as escadas, não sem uma briga feia. Josie arrancaria os olhos dele enquanto ele dormia caso encostasse em seus filhos novamente.

OS SEGUNDOS E os minutos foram passando lentamente. Kiera parou de chorar e os dois se sentaram na beirada da cama, esperando por alguma coisa, um barulho, uma voz, uma porta sendo batida. Mas nada.

Por fim, Drew sussurrou:

– A gente tem que fazer alguma coisa.

Kiera estava petrificada e não conseguiu responder.

– Vou ver como está a mamãe – disse ele. – Você fica aqui com a porta trancada. Combinado?

– Não vai.

– Eu tenho que ir. Aconteceu alguma coisa com a mamãe, senão ela estaria aqui. Tenho certeza que está machucada. Fica aqui quieta e deixa a porta trancada.

Ele afastou a barra de metal e abriu a porta sem fazer barulho. Espiou escada abaixo e não viu nada além de escuridão e do brilho fraco da luz da varanda. Kiera fechou a porta assim que ele saiu.

Drew deu o primeiro passo em direção ao andar de baixo segurando o spray de pimenta e pensou em como seria bom acertar aquele filho da puta na cara com uma nuvem de veneno, queimar os olhos dele, quem sabe até cegá-lo. *Devagar, um passo de cada vez, sem fazer barulho.*

Quando acabou de descer, ficou completamente imóvel, de ouvidos atentos. Um som distante veio do quarto de Stu, ao final do pequeno corredor. Drew esperou mais um pouco e torceu para que Stu tivesse colocado Josie na cama depois de esbofeteá-la.

A luz da cozinha estava acesa. Ele espiou pela porta e viu os pés dela descalços, imóveis, e depois as pernas. Ajoelhou-se e foi até ela depressa por debaixo da mesa. Balançou o braço dela com força, mas não falou nada. Qualquer barulho poderia chamar a atenção de Stu. Ele viu os seios da mãe à mostra, mas estava com medo demais para ficar constrangido. Balançou de novo o braço dela, sibilo “Mãe, mãe, acorda!”, mas não houve resposta. O lado esquerdo do rosto dela estava vermelho e inchado, e ele tinha certeza de que ela não estava respirando.

Enxugou os olhos, recuou e rastejou de volta até o corredor. Ao final dele, a porta do quarto de Stu estava aberta, com a luz fraca do abajur acesa, e, depois de focar, Drew conseguiu ver um par de botas na cama. Bico fino com pele de cobra, as preferidas de Stu. Drew se levantou e caminhou rapidamente para o quarto, e lá, esparramado na cama com os braços bem esticados acima da cabeça, ainda completamente vestido, estava Stuart Koffer, apagado. Enquanto Drew o observava com um ódio desenfreado, Stu começou a roncar.

Drew subiu correndo as escadas e, quando Kiera abriu a porta, ele gritou:

– Ela tá morta, Kiera, a mamãe tá morta. O Stu matou ela. Ela tá no chão da cozinha, e tá morta.

Kiera se encolheu, depois deu um grito e abraçou o irmão. Eles desceram as escadas chorando e andaram até a cozinha, onde aninharam a cabeça da mãe. Kiera estava chorando e falando baixinho:

– Acorda, mamãe! Acorda, por favor!

Drew levantou delicadamente a mão esquerda da mãe e tentou verificar seu pulso, embora não soubesse bem se estava fazendo aquilo do jeito certo. Ele não sentiu nada.

– A gente tem que ligar pra emergência – disse ele.

– Onde ele tá? – perguntou ela, olhando ao redor.

– Na cama, dormindo. Acho que desmaiou.

– Eu fico aqui com a mamãe. Você liga.

Drew foi até a sala, acendeu a luz, pegou o telefone e discou 911. Depois de tocar várias vezes, a ligação finalmente foi atendida.

- Nove um um. Qual é a sua emergência?
- Minha mãe foi morta pelo Stuart Kofer. Ela está morta.
- Quem está falando?
- Meu nome é Drew Gamble. Minha mãe se chama Josie. Ela está morta.
- E onde você mora?
- Na casa do Stuart Kofer, na Bart Road. Número 1.414. Por favor, manda alguém pra ajudar a gente.
- Vou mandar, vou mandar. Já está a caminho. Você disse que ela está morta. Como sabe que está morta?
- Ela não está respirando. Porque o Stuart bateu nela de novo, como sempre.
- O Stuart Kofer está na casa?
- Sim. A casa é dele, a gente só mora aqui. Ele chegou em casa bêbado outra vez e bateu na minha mãe. Ele matou ela. A gente ouviu ele matar.
- Onde ele está?
- Na cama dele. Desmaiado. Por favor, manda ajuda logo.
- Continua na linha, ok?
- Não. Eu vou ver como a minha mãe está.

Ele desligou e pegou uma colcha do sofá. Kiera estava com a cabeça de Josie no colo, alisando delicadamente o cabelo dela enquanto chorava e repetia sem parar: “Vamos lá, mamãe, acorda, por favor. Acorda, por favor. Não abandona a gente, mamãe.” Drew cobriu a mãe com a colcha, depois se sentou aos pés dela. Fechou os olhos e tentou rezar. A casa estava em profundo silêncio; os únicos sons eram os choramingos de Kiera. Alguns minutos se passaram e Drew decidiu parar de chorar e fazer alguma coisa para proteger a si e a irmã. Stuart poderia continuar a dormir lá no quarto, mas também poderia acordar e, se pegasse os dois ali embaixo, ficaria furioso e bateria neles.

Ele já tinha feito isso antes: enchia a cara, se enfurecia, fazia ameaças, batia, desmaiava e depois acordava pronto para mais uma rodada de diversão.

Stuart roncou e fez um barulho, e Drew teve medo de que acordasse.

– Kiera, fica quieta – disse ele, mas ela não o ouviu.

A menina estava em transe, acariciando a mãe enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto.

Devagar, Drew rastejou para fora da cozinha. Passou pelo corredor agachado, sem fazer barulho, e foi ao quarto de Stuart, que não havia se mexido.

Suas botas ainda pendiam do pé da cama. O corpo atarracado estava espalhado em cima das cobertas. A boca estava tão aberta que parecia querer engolir uma mosca. Drew o olhou com um ódio quase cego. Aquele desgraçado tinha conseguido matar a mãe dele, depois de meses de tentativas, e sem dúvida Drew e a irmã seriam os próximos. E ninguém iria falar nada, porque Stu tinha contatos e conhecia pessoas importantes, algo de que sempre se gabava. Eles eram apenas miseráveis que tinham sido despejados até mesmo do estacionamento de trailers, ao passo que Stuart tinha influência porque era dono de uma propriedade e andava com um distintivo.

Drew deu um passo para trás, olhou pelo corredor e viu a mãe deitada no chão e a irmã segurando a cabeça dela e gemendo baixinho, com pesar, completamente absorta. Ele foi até um dos cantos do quarto, em direção à mesinha ao lado da cama em que Stuart dormia, onde ele guardava a pistola, o cinto preto, o coldre e o distintivo em forma de estrela. Drew tirou a arma do coldre e se lembrou de como era pesada. A pistola, uma Glock 9 milímetros, era a arma usada por todos os policiais. Nenhum civil podia nem mesmo manuseá-la. Stu pouco ligava para regras estúpidas e um dia, não fazia muito tempo, quando estava sóbrio e de raro bom humor, levara Drew até a pastagem e mostrara a ele como manejar e atirar com ela. Stu sabia usar uma arma desde que era criança; Drew, não, e Stu zombara da ignorância do garoto. Ele se gabava de ter matado seu primeiro veado aos 8 anos de idade.

Drew tinha disparado três vezes, errando por muito um alvo de arco e flecha, e ficara assustado com o coice e com o barulho da arma. Stu rira da falta de jeito dele, depois dera seis tiros em sequência na mosca.

O garoto segurou a arma com a mão direita e a examinou. Ele sabia que estava carregada porque as armas de Stu estavam sempre prontas para uso. Havia um armário no closet cheio de rifles e espingardas, todos carregados.

A alguns passos dali, Kiera gemia e chorava, e, diante dele, Stu roncava. Logo, logo a polícia ia chegar com estardalhaço e fazer o mesmo de sempre. Nada. Nada para proteger Drew e Kiera, nem mesmo agora com a mãe deles morta no chão da cozinha. Stuart Kofer a tinha matado, iria contar mentiras e a polícia acreditaria nele. Depois disso, Drew e a irmã iam ter que encarar um futuro ainda mais sombrio na ausência da mãe.

Ele saiu do quarto com a Glock na mão e andou lentamente até a cozinha, onde nada havia mudado. Perguntou a Kiera se a mãe estava res-

pirando e ela não respondeu, apenas continuou com os mesmos ruídos. Ele foi até a sala e olhou pela janela, em direção à escuridão. Se tinha um pai, não sabia quem era, e novamente se perguntou onde estava o homem da família. Onde estava o líder, o sábio que aconselhava e protegia? Ele e Kiera nunca tinham experimentado a segurança de ter dois pais estáveis. Haviam conhecido pais adotivos em lares temporários e defensores públicos da vara de infância que tentaram ajudar, mas nunca sentiram o abraço caloroso de um homem em quem pudessem confiar.

As responsabilidades tinham recaído nas costas dele, o mais velho. Com a morte da mãe, Drew não teria escolha a não ser tomar as rédeas e virar um homem. Caberia a ele, e apenas ele, salvá-los daquele pesadelo interminável.

Ele ouviu um barulho e se assustou. Do quarto veio um gemido, um ronco ou algum ruído semelhante e o estrado e o colchão rangeram, como se Stu estivesse se mexendo e voltando à vida.

Drew e Kiera não podiam mais aguentar aquilo. Havia chegado a hora. A única chance de sobreviver estava nas mãos dele, e Drew precisava tomar uma atitude. Voltou para o quarto e olhou para Stu, ainda deitado de costas e completamente apagado, mas curiosamente com um dos pés descalço, a bota caída no chão. A morte era o que ele merecia. Drew fechou a porta devagar, como se quisesse proteger Kiera de qualquer envolvimento. Será que aquilo seria fácil? Drew segurou a pistola com as duas mãos. Prendeu a respiração e abaixou a arma até a ponta do cano ficar a alguns centímetros da têmpora esquerda de Stu.

Fechou os olhos e puxou o gatilho.

2

Kiera não tirara os olhos da mãe nem por um instante. Enquanto acariciava o cabelo dela, perguntou:
– O que você fez?

– Atirei nele – respondeu Drew com naturalidade. Sua voz não expressou nenhuma emoção, nem medo nem arrependimento. – Atirei nele.

Ela assentiu com a cabeça e não falou mais nada. Drew foi até a sala e olhou de novo pela janela. Onde estavam as luzes vermelhas e azuis? Onde estava o socorro? Você liga e denuncia que sua mãe foi morta por um monstro e ninguém aparece. Acendeu um abajur e olhou para o relógio: 2h47. Ele se lembraria para sempre do momento exato em que atirara em Stuart Kofer. Suas mãos estavam trêmulas e entorpecidas, seus ouvidos zumbiam, mas, às 2h47 da madrugada, não se arrependia de ter matado o homem que matara sua mãe.

Voltou para o quarto e acendeu a luz do teto. A arma estava junto à cabeça de Stu, que tinha um buraco pequeno e repulsivo do lado esquerdo. Stu estava de olhos abertos, como se olhando para o teto. Um círculo de sangue vermelho brilhante estava formando um arco nos lençóis.

Drew voltou para a cozinha, onde nada havia mudado. Depois foi até a sala, acendeu outra luz, abriu a porta e se sentou na poltrona reclinável de Stu. Stu teria um ataque se pegasse outra pessoa sentada em seu trono. A poltrona tinha o cheiro dele – cigarro, suor, couro curtido, uísque e cerveja. Alguns minutos depois, Drew chegou à conclusão de que odiava

a poltrona reclinável, então arrastou uma cadeira pequena até a janela para esperar as luzes.

As primeiras eram azuis, piscando e girando furiosas, e, quando alcançaram a última descida do caminho que levava à casa, Drew foi tomado de medo e começou a respirar com dificuldade. Estavam indo buscá-lo. Ele sairia dali algemado no banco traseiro de uma viatura policial e não havia nada que pudesse fazer para evitar isso.

O segundo veículo a chegar foi uma ambulância, com luzes vermelhas, e o terceiro foi outra viatura de polícia. Assim que se soube que eram dois corpos, não apenas um, mais uma ambulância apareceu num instante, seguida por mais policiais.

Josie tinha pulso e foi rapidamente colocada em uma maca e levada às pressas para o hospital. Drew e Kiera ficaram sentados na sala, com ordens para não saírem dali. Ora, para onde iriam? Todas as luzes da casa estavam acesas e havia policiais em todos os cômodos.

O xerife Ozzie Walls chegou sozinho e foi recebido na frente da casa por Moss Junior Tatum, seu assistente-chefe, que o informou:

– Parece que o Kofer chegou tarde em casa, eles brigaram, ele a espancou, depois apagou na cama. O garoto pegou a arma e deu um tiro na cabeça dele. Foi instantâneo.

– Você falou com o garoto?

– Sim. Drew Gamble, 16 anos, filho da namorada do Kofer. Não falou muita coisa. Acho que está em choque. A irmã dele se chama Kiera, tem 14, disse que moram aqui há mais ou menos um ano e que o Kofer era abusivo, batia na mãe o tempo todo.

– Kofer está morto? – perguntou Ozzie, ainda sem acreditar.

– Stuart Kofer está morto, senhor.

Ozzie balançou a cabeça com pesar e descrença e foi até a porta da frente, que estava escancarada. Ao entrar, parou e olhou para Drew e Kiera, sentados lado a lado no sofá, os dois olhando para baixo e tentando ignorar o caos. Ozzie queria dizer alguma coisa, mas achou melhor não. Ele seguiu Tatum até o quarto, onde nada havia sido tocado. A arma estava em cima do lençol, a 25 centímetros da cabeça de Kofer, e havia um enorme círculo de sangue no meio da cama. Do outro lado, a bala, ao sair após arrebentar um pedaço do crânio, espalhara sangue e miolos nos lençóis, travesseiros, cabeceira da cama e parede.

Ozzie tinha catorze assistentes em tempo integral. Treze, agora. E sete funcionários em meio período, juntamente com mais voluntários do que ele gostaria. Era o xerife do condado de Ford desde 1983, eleito sete anos antes em uma lavada histórica. Histórica porque, na época, ele era o único xerife negro no Mississippi e o primeiro de todos os tempos em um condado predominantemente branco. Naqueles sete anos, jamais havia perdido um único homem. DeWayne Looney teve a perna estraçalhada no tiroteio ocorrido no tribunal que levou Carl Lee Hailey a julgamento em 1985, mas ainda fazia parte da corporação.

Ali, no entanto, estava sua primeira baixa. Ali estava Stuart Kofer, um de seus melhores homens e sem dúvida o mais destemido, agora morto e acabado enquanto fluidos continuavam a jorrar de seu corpo.

Ozzie tirou o chapéu, fez uma oração rápida e recuou um passo. Sem tirar os olhos de Kofer, disse:

– Um agente da lei foi assassinado. Liga pros garotões do estado e deixa a investigação na mão deles. Não toca em nada. – Virou-se para Tatum e perguntou: – Falou de novo com as crianças?

– Falei.

– Mesma história?

– A mesma, senhor. O garoto não quer falar. A irmã disse que foi ele que deu o tiro. Tinham achado que a mãe estava morta.

Ozzie assentiu e refletiu um pouco sobre a situação.

– Tudo bem, sem mais perguntas pras crianças, sem mais interrogatórios – disse. – A partir de agora, tudo que a gente fizer vai passar pelos advogados. Vamos levar as crianças, mas nem uma palavra. Aliás, coloca os dois no meu carro.

– Algemas?

– Claro. No garoto. Eles têm família por aqui?

O assistente Mick Swayze pigarreou e disse:

– Acho que não, Ozzie. Eu conhecia o Kofer muito bem e ele tinha essa garota morando com ele, disse que ela teve um passado difícil. Um divórcio, talvez dois. Não sei direito de onde ela é, mas ele disse que não é daqui. Vim aqui há umas semanas por causa de uma denúncia de violência doméstica, mas ela não prestou queixa.

– Tá bem. A gente descobre depois. Vou levar as crianças. Moss, você vai comigo. Mick, fica aqui.

Drew ficou de pé quando lhe foi pedido e estendeu as mãos. Tatum as algemou para a frente com cuidado e conduziu o suspeito para fora, em direção ao carro do xerife. Kiera foi atrás, enxugando as lágrimas. A encosta estava em polvorosa, com milhares de luzes piscando. Já tinha corrido a notícia de que um policial havia sido assassinado e todos os oficiais do condado que não estavam de serviço queriam dar uma olhada.

OZZIE CONTORNOU AS outras viaturas e a ambulância e desceu até chegar à estrada. Ligou o giroflex e pisou fundo.

– Senhor, podemos ver a nossa mãe? – perguntou Drew.

Ozzie olhou para Tatum e ordenou:

– Liga o gravador.

Tatum pegou um pequeno gravador num dos bolsos e apertou um botão.

Ozzie disse:

– Então, a partir de agora tudo que for dito será gravado. Aqui é o xerife Ozzie Walls, hoje é dia 25 de março de 1990, 3h51 da manhã, e estou dirigindo rumo à prisão do condado de Ford com o assistente Moss Junior Tatum ao meu lado, e no banco de trás estão... qual é o seu nome completo, filho?

– Drew Allen Gamble.

– Idade?

– Tenho 16 anos.

– E o seu nome, senhorita?

– Kiera Gale Gamble, 14 anos.

– E o nome da sua mãe?

– Josie Gamble. Ela tem 32.

– Ok. Aconselho vocês a não falarem sobre o que aconteceu esta noite. Esperem até terem um advogado. Entendido?

– Sim, senhor.

– Agora, você perguntou sobre a sua mãe, certo?

– Sim, senhor. Ela está viva?

Ozzie olhou para Tatum, que deu de ombros e falou no gravador:

– Pelo que sabemos, Josie Gamble está viva. Ela foi levada do local por uma ambulância e provavelmente já se encontra no hospital.

– A gente pode ir ver como ela está? – perguntou Drew.

– Não, por enquanto não – respondeu Ozzie.

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos, então Ozzie disse na direção do gravador:

– Você foi o primeiro a chegar à cena, certo?

– Fui – respondeu Tatum.

– E perguntou a essas duas crianças o que aconteceu?

– Sim. O menino, o Drew, não falou nada. Perguntei à irmã dele, Kiera, se ela sabia de alguma coisa, e ela disse que o irmão atirou no Kofer. Nessa hora, parei de fazer perguntas. Estava bem claro o que tinha acontecido.

O rádio não parava de fazer barulho, e todo o condado de Ford, mesmo na escuridão, parecia estar acordado. Ozzie baixou o volume e ficou em silêncio. Manteve o pé fundo no acelerador e seu grande Ford marrom rugiu pela estrada, bem no meio da pista, como que desafiando qualquer desgraçado que se aventurasse a dividir a estrada com ele.

Ele havia contratado Stuart Kofer quatro anos antes, quando Kofer voltou ao condado de Ford após uma curta carreira no Exército. Stuart fizera uma tentativa sofrível de explicar sua dispensa desonrosa dizendo que tinha sido tudo uma questão de detalhes técnicos, mal-entendidos e coisas do tipo. Ozzie lhe deu um uniforme, estabeleceu um período de experiência de seis meses e o mandou para a academia de Jackson, onde ele se destacou. Quando estava de serviço, não havia reclamações. Kofer tornou-se uma lenda instantânea quando acabou, sozinho, com três traficantes de Memphis que tinham se perdido na zona rural do condado de Ford.

Quando estava de folga, a história era outra. Ozzie o havia repreendido pelo menos duas vezes depois de relatos de bebedeira e confusão, e o que Stuart normalmente fazia era pedir desculpas aos prantos, prometer reparar os estragos e jurar lealdade a Ozzie e ao departamento. E ele era extremamente leal.

Ozzie não tinha paciência com oficiais antipáticos, e os idiotas não costumavam durar muito tempo. Kofer era um dos assistentes mais populares e gostava de ser voluntário em escolas e associações comunitárias. Graças ao Exército, ele tinha rodado o mundo, algo raro entre seus colegas um tanto provincianos, dos quais a maioria mal havia saído do estado. Em público ele era inestimável, um oficial acessível que estava sempre sorrindo e contando piadas, que se lembrava do nome de todo mundo, que gostava de

passar por Lowtown, o bairro dos negros, a pé e desarmado, distribuindo balas para as crianças.

Na vida particular havia problemas, mas, por camaradagem, seus colegas tentavam evitar que chegassem aos ouvidos de Ozzie. Tatum, Swayze e a maioria dos assistentes conheciam pelo menos em parte o lado sombrio de Stuart, mas era mais fácil ignorar isso e torcer pelo melhor, esperando que ninguém se machucasse.

Ozzie olhou pelo retrovisor e observou Drew em meio à penumbra. Cabeça baixa, olhos fechados, nem um pio. E, embora Ozzie estivesse chocado e com raiva, era difícil enxergar o garoto como um assassino. Franzino, mais baixo que a irmã, pálido, acanhado, visivelmente atônito, ele poderia passar facilmente por um tímido garotinho de 12 anos.

O carro quebrou o silêncio das ruas escuras de Clanton e logo a seguir eles estacionaram em frente à prisão, a dois quarteirões da praça. Junto à porta principal estavam parados um policial e um homem com uma câmera na mão.

– Merda – disse Ozzie. – É o Dumas Lee, não é?

– É sim, infelizmente – respondeu Tatum. – Acho que a notícia se espalhou. Todo mundo sabe interceptar a frequência da polícia hoje em dia.

– Fiquem no carro. – Ozzie desceu, bateu a porta e foi direto para o repórter, já balançando a cabeça. – Não tem nada pra você aqui, Dumas – disse com rispidez. – Há um menor envolvido e você não vai conseguir nem o nome nem uma foto dele. Sai daqui.

Dumas Lee era um dos dois repórteres especializados em casos policiais do *The Ford County Times* e conhecia bem Ozzie.

– Você pode confirmar que um oficial foi morto?

– Não vou confirmar nada. Você tem dez segundos pra sair daqui antes que eu meta uma algema em você e arraste esse seu traseiro lá pra dentro. Vaza!

O repórter se afastou furtivamente e desapareceu em meio à escuridão. Ozzie ficou olhando enquanto ele ia embora, depois ele e Tatum tiraram as crianças do carro e as conduziram para dentro.

– É pra fazer a ficha deles? – perguntou o carcereiro.

– Não, vamos deixar isso pra depois. Só põe eles numa cela pra menores.

Com Tatum na retaguarda, Drew e Kiera foram conduzidos por uma parede inteira de grades e um corredor estreito até uma grossa porta de metal

com uma janelinha. O carcereiro a abriu e eles entraram na cela, que estava vazia. Havia dois beliches e um vaso sanitário sujo em um dos cantos.

– Tira as algemas – ordenou Ozzie.

Tatum obedeceu e Drew imediatamente esfregou os pulsos.

– Vocês vão ficar aqui por algumas horas – disse Ozzie.

– Eu quero ver a minha mãe – exigiu Drew, com mais ímpeto do que Ozzie esperava.

– Filho, você não está em posição de querer nada agora. Você está preso pelo assassinato de um policial.

– Ele matou a minha mãe.

– Sua mãe não está morta, felizmente. Assim que sair daqui vou até o hospital pra ver como ela está. Quando voltar, trago notícias pra vocês. É o melhor que eu posso fazer.

– Por que estou presa? – perguntou Kiera. – Eu não fiz nada.

– Eu sei. Você está presa pra sua segurança e não vai ficar aqui por muito tempo. Se a gente liberar você daqui a algumas horas, pra onde iria?

Kiera olhou para Drew e ficou claro que eles não faziam ideia.

– Vocês têm algum parente por aqui? – indagou Ozzie. – Tias, tios, avós? Qualquer pessoa?

Ambos hesitaram, depois balançaram a cabeça lentamente em negativa.

– Ok. É Kiera, certo?

– Sim, senhor.

– Se tivesse que ligar pra alguém agora pra vir te buscar, pra quem ligaria?

Ela olhou para os pés e balançou a cabeça.

– Pro nosso pastor, irmão Charles.

– Charles de quê?

– Charles McGarry, lá de Pine Grove.

Ozzie achava que conhecia todos os pastores, mas talvez tivesse deixado passar um. Justiça fosse feita, havia trezentas igrejas no condado. Quase todas eram pequenas congregações espalhadas pela área rural e famosas pelas brigas, pelas dissidências e pela expulsão dos seus pastores. Era impossível se manter atualizado. Ele olhou para Tatum e disse:

– Não sei quem é.

– Eu sei. É um cara bacana.

– Liga pra ele, acorda o cara e pede pra ele vir até aqui. – Ele se virou para as crianças. – Vamos deixar vocês aqui, onde estão seguros. Vão

trazer alguma coisa pra vocês comerem. Fiquem à vontade. Estou indo ao hospital.

Ele respirou fundo e fitou os dois com o mínimo de empatia possível. Sua preocupação principal era um oficial morto, e ele estava olhando para o assassino dele. No entanto, os irmãos estavam tão perdidos e chocados que era difícil pensar em vingança.

Kiera levantou a cabeça e olhou para ele com os olhos marejados.

– Senhor, ele está mesmo morto?

– Está, sim.

– Eu sinto muito, mas ele batia muito na nossa mãe e vinha pra cima da gente também.

Ozzie levantou os braços e disse:

– Vamos parar por aqui. Vou trazer um advogado pra falar com vocês, crianças, e poderão contar a ele o que quiserem. Por enquanto, vamos ficar em silêncio.

– Sim, senhor.

Ozzie e Tatum deixaram a cela e bateram a porta ao sair. Mais adiante, o carcereiro desligou o telefone e disse:

– Xerife, era Earl Kofer, pai do Stuart. Disse que acabou de saber que o filho foi morto. Estava bem mal. Eu disse que não sabia de nada, mas você precisa ligar pra ele.

Ozzie praguejou baixinho e murmurou:

– Eu vou chegar lá. Mas primeiro preciso ir ao hospital. Você pode dar um jeito nisso, não pode?

– Não – respondeu Tatum.

– Pode, sim. Passa algumas informações pra ele e diz que eu ligo mais tarde.

– Que presente de grego.

– Não há de quê.

Ozzie saiu e entrou no carro.

ERAM QUASE CINCO da manhã quando Ozzie chegou ao estacionamento vazio do hospital. Parou o carro perto da emergência, entrou apressado e quase esbarrou em Dumas Lee, que estava um passo à frente dele.

– Sem comentários, Dumas, e você está me tirando do sério.

- Esse é o meu trabalho, xerife. Só estou buscando a verdade.
- Eu não sei qual é a verdade.
- A mulher está morta?
- Eu não sou médico. Agora me deixa em paz.

Ozzie entrou no elevador e deixou o repórter no saguão. No terceiro andar, dois assistentes que já estavam lá acompanharam o chefe até uma mesa onde um médico de aparência jovem os aguardava. Ozzie fez as apresentações e todos se cumprimentaram com a cabeça, sem apertar as mãos.

– O que você tem pra nos contar? – perguntou.

– Ela está inconsciente, mas estável – respondeu o médico, sem precisar consultar o prontuário. – Há uma fratura no lado esquerdo da mandíbula, e ela vai precisar passar por uma cirurgia em breve para corrigir, mas não é nada urgente. A impressão que dá é que ela foi atingida na mandíbula ou no queixo e apagou.

– Alguma outra lesão?

– Na verdade, não. Alguns hematomas nos pulsos e no pescoço, mas nada que exija tratamento.

Ozzie respirou fundo e agradeceu a Deus por ter que lidar com apenas um assassinato.

– Então ela vai sobreviver?

– Os sinais vitais dela estão fortes. No momento, não há nenhuma razão para esperar qualquer coisa diferente de uma recuperação.

– Quando ela deve acordar?

– É difícil prever, mas acho que dentro de 48 horas.

– Ok. Olha, tenho certeza que você vai manter as coisas registradas e tal, mas lembre-se de que tudo que fizer com essa paciente provavelmente será analisado no tribunal algum dia. Tenha isso em mente. Certifique-se de tirar muitas radiografias e fotos em cores.

– Sim, senhor.

– Vou deixar um oficial aqui pra monitorar as coisas.

Ozzie saiu pisando firme, entrou de novo no elevador e deixou o hospital. No caminho de volta para a prisão, pegou o rádio e falou com Tatum. A conversa com Earl Kofler tinha sido tão terrível quanto se podia imaginar.

– É melhor você ligar pra ele, Ozzie. Ele disse que está indo lá pra ver com os próprios olhos.

– Ok.

Ozzie desligou ao estacionar em frente à prisão. Ficou segurando o telefone do carro e olhando para ele, e, como sempre naqueles momentos pavorosos, lembrou-se de todos os outros telefonemas, tarde da noite e de manhã cedo, que tinha dado para as famílias, ligações terríveis que virariam de cabeça para baixo ou até mesmo arruinariam a vida de muitos, ligações que ele odiava fazer, mas que o seu trabalho exigia. Um jovem pai encontrado com a cabeça estourada e um bilhete de despedida ao lado; dois adolescentes bêbados arremessados de um carro em alta velocidade; um avô com demência encontrado em uma vala. Aquilo era, disparado, a pior parte de sua vida.

Earl Kofer estava histérico e queria saber quem tinha matado o seu “menino”. Ozzie mostrou paciência e disse que não poderia dar detalhes naquele momento, mas estava disposto a fazer uma visita à família – outra situação horrível e inevitável. Não, Earl não deveria ir até a casa de Stuart porque não teria permissão para entrar. Os policiais que estavam lá aguardavam a perícia forense do estado, e o trabalho deles levaria horas. Ozzie sugeriu que a família se reunisse na casa de Earl e disse que passaria por lá no final da manhã. O pai estava aos prantos ao telefone quando Ozzie finalmente conseguiu desligar.

Dentro da prisão, ele perguntou a Tatum se o assistente Marshall Prather havia sido notificado. Tatum disse que sim e que ele estava a caminho. Prather era um veterano muito amigo de Stuart Kofer desde os tempos da escola primária. Ele chegou de calça jeans e blusa de moletom, em estado de negação. Acompanhou Ozzie até o gabinete dele, onde se afundaram nas cadeiras enquanto Tatum fechava a porta. Ozzie repetiu os fatos como eles sabiam até ali, e Prather não conseguiu esconder o choque. Ele cerrou os dentes, como um bom cara durão, e cobriu os olhos com as mãos, mas obviamente estava sofrendo.

Depois de uma longa e sofrida pausa, Prather conseguiu dizer:

– Estudamos juntos na escola desde o terceiro ano.

A voz dele sumiu e ele baixou o queixo. Ozzie olhou para Tatum, que desviou o olhar.

Depois de outra longa pausa, Ozzie insistiu:

– O que você sabe sobre essa mulher, Josie Gamble?

Prather engoliu em seco e sacudiu a cabeça, como se pudesse se livrar daquela comoção.

– Eu a vi uma ou duas vezes, mas não a conheci bem. Stu se juntou com

ela acho que tem mais ou menos um ano. Ela e os filhos se mudaram pra lá. Ela parecia bem bacana, mas também era um pouco rodada. Tinha um histórico bem complicado.

– Como assim?

– Ela já esteve presa. Drogas, eu acho. Tem um passado conturbado. Stu a conheceu num bar, óbvio, e eles se deram bem. Ele não gostava da ideia de ter os filhos dela por perto, mas ela conseguiu convencê-lo. Ela precisava de um lugar pra morar, e ele tinha espaço de sobra.

– Por que eles se deram bem?

– Qual é, Ozzie. Ela não é nada feia, na verdade é bonita pra cacete, e fica muito bem numa calça jeans justinha. Você conhece o Stu... sempre correndo atrás, mas completamente incapaz de se acertar com uma mulher.

– E a bebida?

Prather tirou o boné velho e coçou a cabeça.

Ozzie se inclinou para a frente fazendo cara feia e disse:

– Eu estou fazendo perguntas, Marshall, e quero respostas. Não é hora pra um policial fazer vista grossa, olhar pro outro lado como quem não viu nada. Eu quero respostas.

– Não sei direito, Ozzie, juro. Parei de beber tem três anos, então não saio mais pra barzinhos. Sim, o Stu estava bebendo demais e acho que estava cada vez pior. Falei com ele sobre isso duas vezes. Ele dizia que estava tudo bem, igual a todo mundo que bebe. Tenho um primo que está sempre por aí bebendo e ele me contou que o Stu estava ganhando fama de arruaceiro, o que não era o que eu queria ouvir. Disse que ele estava sempre apostando lá no Huey's, perto do lago.

– E você não achou que eu deveria ser informado disso?

– Qual é, Ozzie, eu estava preocupado. Foi por isso que tive uma conversa com o Stu. Eu estava pra falar com ele de novo, juro.

– Não quero que você me jure nada. Nós tínhamos um oficial que estava bebendo, arrumando briga e apostando com a escória, e, ah, claro, além disso, batendo na namorada dele em casa, e você achou que eu não deveria saber disso?

– Eu achei que você já soubesse.

– A gente sabia – interveio Tatum.

– Sabia do quê? – rebateu Ozzie. – Eu nunca tinha ouvido nada sobre violência doméstica.

– Teve um chamado um mês atrás. Ela ligou pro 911 tarde da noite e disse que o Stu estava fora de controle. A gente mandou uma viatura com o Pirtle e o McCarver e eles acalmaram as coisas. A mulher nitidamente tinha apanhado, mas se recusou a prestar queixa.

Ozzie ficou pasmo.

– Eu nunca ouvi falar disso e nunca vi a papelada. Que fim levou essa história?

Tatum lançou um olhar para Prather, que não olhou de volta. Tatum deu de ombros, como se não soubesse de nada, e falou:

– Ninguém foi detido, teve só um relatório do incidente. Deve ter sido extraviado, eu acho. Não sei, Ozzie, eu não estava envolvido nisso.

– Mas é claro que ninguém estava envolvido nisso. Se eu fuçasse todos os cantos e interrogasse todos os homens do meu departamento, tenho certeza que não ia achar ninguém que estivesse envolvido.

Prather olhou feio para ele e perguntou:

– Então você está culpando o Stu por ter levado um tiro, é isso, Ozzie? Está culpando a vítima?

Ozzie se afundou na cadeira e fechou os olhos.

NA CAMA DE baixo do beliche, Drew tinha se encolhido com os joelhos contra o peito e descansava debaixo de um cobertor fino, com a cabeça em um travesseiro velho. Olhava fixamente para a parede escura. Fazia horas que não dizia uma só palavra. Kiera estava sentada na beirada da cama, uma mão tocando os pés do irmão sob a coberta, a outra acariciando o próprio cabelo enquanto esperavam pelo que quer que viesse a seguir. De tempos em tempos, ouviam-se vozes no corredor, mas elas se desvaneciam e depois sumiam de vez.

Durante a primeira hora, ela e Drew conversaram sobre o óbvio: o estado da mãe e a notícia surpreendente de que ela não estava morta, e, em seguida, o assassinato de Stu. O fato de ele estar morto era um alívio para os dois, e eles sentiam medo, mas não remorso. Stu fazia a mãe deles de saco de pancadas, mas também batia neles e os ameaçava constantemente. Aquele pesadelo tinha acabado. Eles nunca mais iam precisar ouvir os sons desesperadores da mãe sendo espancada por um brutamontes bêbado.

Nem mesmo a cela era uma preocupação. Aquele ambiente vulgar e in-

salubre poderia incomodar algum infrator novato, mas eles tinham visto coisa pior. Drew já havia passado quatro meses em um centro de detenção para menores em outro estado. No ano anterior, Kiera ficara detida por dois dias, supostamente para que fosse mantida fora de perigo. Sobreviver ali era fácil, em comparação.

Para uma família pequena que estava sempre se mudando, a questão diante deles era decidir para onde ir. Assim que estivessem com a mãe, poderiam planejar a próxima transferência. Eles tinham conhecido alguns parentes de Stu e sempre se sentiram indesejados. Stu gostava de se gabar de ser dono de uma casa sem dívidas porque o avô a havia deixado para ele no testamento. Mas a casa nem era tão boa assim. Estava suja e precisava de uma reforma, e os esforços de Josie para limpá-la eram sempre recebidos com desaprovação. Eles com certeza não iam sentir saudade da casa de Stu.

Durante a segunda hora, fizeram especulações sobre a quantidade de problemas que Drew poderia vir a enfrentar. Para eles, tinha sido uma simples questão de legítima defesa, de sobrevivência e de dar o troco. Aos poucos, Drew começou a reviver o momento do tiro em detalhes, ou pelo menos o máximo deles de que conseguia se lembrar. Tudo tinha acontecido tão rápido que era como um borrão. Stu deitado lá, com a cara vermelha e a boca aberta, roncando como se tivesse feito por merecer uma boa noite de sono. Stu fedendo a bebida. Stu abusador, que poderia acordar a qualquer momento e espancar as crianças só por diversão.

O cheiro pungente de pólvora queimada. O jato de sangue e miolos voando sobre os travesseiros e a parede. O choque de ver os olhos de Stu se abrirem depois de ter sido baleado.

Com o passar das horas, porém, Drew foi ficando mais quieto. Puxou o cobertor até a altura do queixo e disse que estava cansado de falar. Kiera o observou se encolher lentamente em torno de si mesmo e ficar olhando fixamente para a parede.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DO AUTOR

Justiça a qualquer preço

Mark, Todd e Zola ingressaram na faculdade de Direito porque queriam mudar o mundo e torná-lo um lugar melhor. Fizeram empréstimos altíssimos para pagar uma instituição de ponta e agora, cursando o último semestre, descobrem que os formandos raramente passam no exame da Ordem dos Advogados e, muito menos, conseguem bons empregos.

Quando ficam sabendo que a universidade pertence a um obscuro operador de investimentos de alto risco que, por acaso, também é dono de um banco especializado em empréstimos estudantis, os três se dão conta de que caíram no grande golpe das faculdades de Direito.

Então eles começam a bolar uma forma de se livrar da dívida esmagadora, desmascarar o banco e o esquema fraudulento e ainda ganhar alguns trocados no caminho. Mas, para isso, precisam abandonar a faculdade, fingir que são habilitados a exercer a profissão e entrar em uma batalha contra um bilionário e o FBI.

Arranje uma poltrona bem confortável, porque você não vai conseguir largar *Justiça a qualquer preço*.

O Dossiê Pelicano

Numa mesma noite, dois juízes da Suprema Corte americana são assassinados, em cidades e circunstâncias diferentes. Apesar de o país inteiro exigir respostas, não há nenhuma pista em relação à motivação para os crimes.

Intrigada com o mistério, Darby Shaw, uma brilhante estudante de Direito em Nova Orleans, decide buscar evidências por conta própria. Ela descobre uma possível conexão entre as vítimas, que aponta para um nome inesperado – algo tão improvável que ela mesma duvida do dossiê que produziu.

Quando pessoas muito próximas a Darby começam a morrer, fica claro que ela chegou perto demais da verdade e que agora sua própria vida está em perigo.

Em fuga, Darby não tem escolha senão confiar no ambicioso repórter Gray Grantham. Ele só está interessado em encontrar seu próximo grande furo, mas é o único que pode ajudá-la a revelar a conspiração por trás dos assassinatos.

A firma

Quando Mitch McDeere aceita trabalhar na Bendini, Lambert & Locke, em Memphis, tem certeza de que ele e sua linda esposa, Abby, tiraram a sorte grande.

Além de ser uma firma que se orgulha de ter os maiores salários e benefícios do país, ainda lhe oferece um BMW, quita suas dívidas estudantis, arranja um financiamento de imóvel a juros baixos e contrata uma decoradora para sua casa.

Justamente quando começa a achar que tudo parece bom demais para ser verdade, Mitch é procurado por um agente do FBI, que lhe revela informações confidenciais sobre a empresa e lhe diz que ele mesmo está sob investigação.

Ao ser pressionado para se tornar informante, Mitch se vê num beco sem saída. Se não concordar em colaborar, será denunciado à justiça, mas se a firma descobrir seu papel duplo, o preço a pagar pode ser a própria vida.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Tempo de perdoar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

